This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

869.8
L866pn

B 857,213

PROPERTY OF
The University of Michigan Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS

A Celso Hermínio,

com muita admiração e amizade

do

AMIGO

O

Poeta Saudade

OBRAS DO POETA:

(Tempo de Coimbra)

Para quê? (primeiras poesias — 1897)
Náufrago
Auto da « Sebenta »
O meu Adeus
O Poeta Saudade.

Affonso Lopes-Vieira

O Poeta Saudade

COIMBRA

F. FRANÇA AMADO — EDITOR

1901

[illegible]

13 - 272 227

Versos em cuja dôr-saudade scismo,
Que vem do Longe, e volta para lá...
Coração, que sonhou Sebastianismo,
Que poeta nasceu, e morrerá;

Versos de quem, para saudades nado,
Amou o Amor num coração-ermida;
Orgulhoso de mais pra ser amado,
Amoravel de mais para esta Vida;

De um moço Portuguez, que ouviu aquella
Voz do remóto, que o chamou, do mar...
E ficou, e partiu, sempre atraz d'ella,
Saudoso de partir, e de ficar!

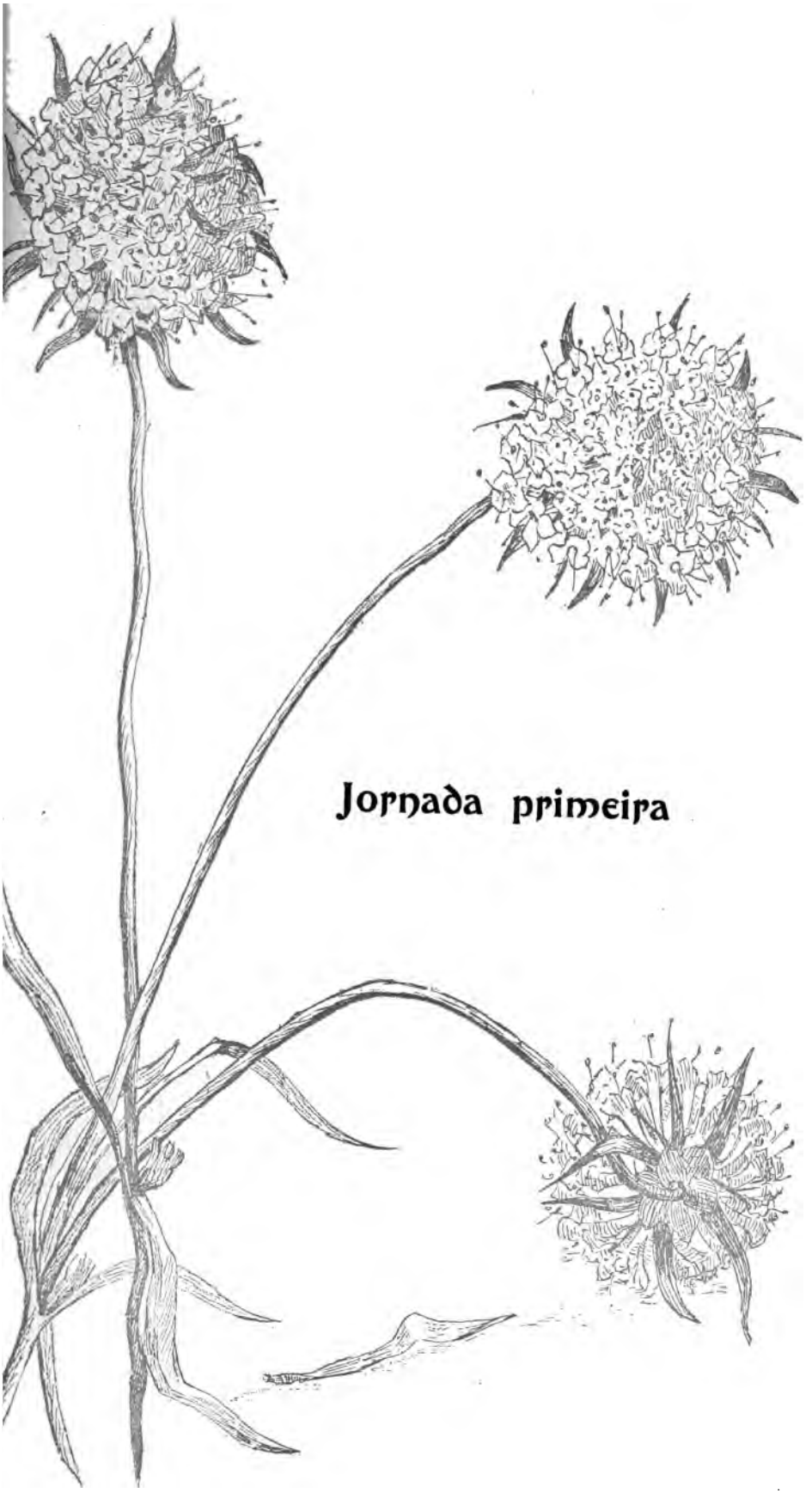
Versos, que á flor dos beiços me vieram,
Palavras, que chorando memoráram:
E dizem mais pelo que não disseram,
E grandes são, pelo que adivinharam;

Escrevi-os... e um Livro, sem cuidá-lo,
De tanto amor, de tanta dor cresceu...
A isto apenas poderá amá-lo
Quem muito amar a terra onde nasceu!

Meu publico, não lês? Oh, não me impede
Isso de me contar a minha mágoa:
Pois que me importa, quando tenho sêde,
Que me vejam os outros beber agoa?

Elles vão para a gloria, ou para o lume,
Serenamente: gloria ou lume, é luz!...
E nisto a sua força se resume,
E nisto a minha alma se traduz.

São meus, bem meus! Amor e tempestades,
Todo assim o vivi, todas passei:
E, porque o meu destino é ter saudades,
O Poeta Saudade me chamei.



Jornada primeira

Sou Eu

Sou aquelle que, um dia, ergui minha estatura
(Que então devia ser de tres palmos de altura)
E, coração que dá seu rebate primeiro,
Disse para o meu Pae: quero ser marinheiro!
Muito sonho morreu e medrou com a edade...
Hoje, que me chamei o "poeta Saudade,"
Já entrado na vida e já descido á liça,
Vejo que herdei da Raça os sonhos e a preguiça.
Desemboquei na vida, e ponho-me a pensar:
Uma cova no chão? um navio no mar?
Deixae que, ao atirar meu livro bruxo á rua,
(Livro d'uma saudade em carne viva, e nua)

A mim mesmo me cante o meu fado, o destino
Que fez sonhar com o mar meus olhos de menino...
Meu confuso desejo e minha Ancia insoffrida
Fizeram-me adorar tristes fados na vida:

Verdes olhos! dizei minha ventura, vista
De longe, como o sol quando doura uma crista...

Ser desamado: amar aquelle desamor
De um coração de fera e d'uns peitos de flor!

Ser soldado: e morrer, entre clarins, na guerra,
Pelo santo pendão branco e azul da Terra!

Ser artista: matar a sêde que consome,
E ter, num quinto andar, genio, Mimis e fome!

Naufragar: e perder, entre gritos e pragas,
Um poêma que fosse enterrado nas vagas!

Voz do Longe, chamando... As viagens! Partir
Com sacola e bordão... Depois, nunca mais vir!

13

Essa Ancia d'onde vem?
Num canto da memoria
Palavras encontrei que dizem minha historia:
Foi quando em vão chorei, creando eu proprio o mal,
Que me disse uma voz, bem triste, por signal...
— Porque choras, meu filho?
E a mesma voz me diz:
— Que vontade tu tens de ser um infeliz...

E já posso viver ou morrer ou ser doudo!
Sou eu! Aquillo diz o meu destino todo.

Fado

De ouvir cantar na rua venho agora
(E trago nos ouvidos a toáda)
Um cego (e a sua voz ainda se chóra...)
Que dizia uma satyra rimada.

Entre o povo, que ouvia a çanfonina
Do rueiro cantor da indignação,
Havia commoções, raiva em surdina
E um bater ancestral de coração.

O cego, em versos côxos e sinistros,
Fallava da justiça, a Carta, a lei...
Numa coisa que ha, que são os ministros,
E num monstro maior, chamado rey!

Picavam toiros, a nação, o pôvo!...
Em farandola, todos, vid'airada,
Enchiam-se (cantava) como um ôvo,
E numa festa larga e desbragada!

E, depois, vinham lagrymas: o fado
Dizia o pêso dos tributos; suores
De quem fendia a terra com um arado,
Para colher, ao fim, pedras e dores!

Os juizes compravam-se: a nação
Ia ser dos inglezes, e vendida!...
(E aqui a banza, numa vibração,
Protestava gemendo dolorida...)

E essas glosas, agudas como bicos
De punhal, acabavam torcionadas:
A pandega dos grandes e dos ricos,
Fomes, impostos, lagrymas, toiradas...

A' volta, olhos em mascaras luziam!
Punhos cerrados, uma dor egual
Os simples commovendo que apprendiam
A perdição do pobre Portugal!

Porque esses versos tristes, que rimavam
Encantadoramente mal, a flux,
Diziam muito mais do que julgavam
E eram rasgões abertos para a luz!

Ó simples! que fazeis gestos em garra
Na vibração dos vossos santos nervos,
Isso, afinal, são coisas da guitarra;
Hoje mesmo, ámanhan, — ha de esquecer-vos...

Ia a contar-vos que esse cego, agora
Vos disse coisas quasi verdadeiras...
Para quê? Ide amar! Sois moços? Ora!...
E os velhos têm o lume das lareiras.

Meu cavador boçal, que o fado ouviste
Com teu ar espantado e pictoresco,
Mal sabes! nesse fado é o pôvo triste
Da Patria amada, — o candido e grotesco!

Has de ceiar teu verde caldo, — e
Com o estomago leve e satisfeito
Deitar-te numa enxerga, para ahi!...
Dormir melhor do que em macio leito.

Has de resar aos Santos... Fome, tens?
Pões-te a cantar! De noite, se estrebuchas,
Com orações farás calar os cães,
Do teu telhado afugentar as bruxas.

Levantas-te, mal nasce a manhansinha:
Trabalhas todo o dia, résas, suas!
Cavas: meditas sobre o tempo, a vinha
E a influencia dos ventos e das luas...

E mesmo que padeças muita magoa
E mudem da fortuna as várias ródas,
Lá tens no livro d'oiro, — o Borda d'Agoa,
A lição das sementes e das pódas!

Ouves, um dia, um cego que te canta
Um fado que te diz indignações:
E o teu coraçãosinho eis que se espanta!
Rogas-lhes pragas, chamas-lhes ladrões!...

Mas o cego passou; déste-lhe pão
Para a sacóla, e cinco reis talvez...
Ei-lo que parte... Prompto: desde então
Não pensáste naquillo uma só vez.

Resarás! Suarás! Até que um dia
Vestem-te domingueiro, se tens fato,
E vaes fazer na terra ingrata e fria
Um estrume magnifico e barato!

Nós, cavalleiros de revolta e Novo,
Não te diremos, pois, nossa justiça:
Para que fiques sempre aquelle pôvo
Que teve sonhos, e que tem preguiça.

O sonho que florece e em nós delira,
Grão maré de chymera e de verdade...
Não nos escutes: sômos a mentira!
Não nas apprendas: vive de saudade.

Antes fiques assim! emquanto fóra,
Nós, na peleja, numa ideal cruzada,
Batalharmos por uma grande aurora
E morrermos por ella na estacada!

Antes assim... E, quando á tua porta
O céguinho a parar um dia fôr,
Não no queiras ouvir!... Ou, que t'importa?
Manda-o cantar cantigas ao Amor!

Romance do rio das Mortas

Lá vão ellas, lá vão ellas,
Todas brancas, a boiar...
Ó verde rio das Mortas,
Não desemboques no mar!

Lá vae a linda Santinha,
Ovêlha pra degolar;
Aparta-se ao meio a agoa
Por seu corpo não tragar.

Lá vae Maria, levando
No peito um ferro, a sangrar;
O sangue que della corre
Agoa o vae a enxugar.

Lá vae Nathercia, alma minha
Gentil que subiste no ar;
Grandes ais vão a segui-la,
Com suspiros a nadar.

Lá vae Aonia, senhora
De verdes olhos e olhar;
Para mal nenhum nascida
Com olhos de verde-mar.

Lá vae dona Violante,
Por quem morreu a trovar
Aquelle para quem fôra
Corpo d'oiro desleal.

Lá vae Joanninha, e estão
Rouxinoes nella a cantar:
São os seus olhos defunctos
Que vão abertos a olhar!

Lá vae Marianna, e veste
Habito negro a alvejar;
Cresce o rio se ella passa:
É porque vae a chorar!

Lá vae Ignez, a rainha
Que fôram apunhalar;
Salgueiros fazem-lhe cama
Para se nella deitar.

Á roda das Mortas brancas
Põe-se o rio a escutar:
Umas choram, outras dizem
Longas palavras de amar.

Lá vão ellas, lá vão ellas,
Todas brancas, a boiar...
Ó verde rio das Mortas,
Ai! desemboca no mar!

Cantiga das sete saudades

O corpo se m'apartava
Com grão dôr,
Do logar onde deixava
Grão amor.

Dobrado meu corpo ia,
Puz-me a andar:
Enganava-me, e corria
Ao logar!

Sete vezes m'alembrastes
No adeus,
E sete vezes chorastes,
Olhos meus!

Sete vezes me mataram
Esquivanças;
Sete me resuscitaram
As lembranças.

Quem vos cortou á thesoira,
Olhos taes?
Quem vos fez christã, e moira
Por meus ais?

Fóra de minhas vontades
Fui assi
Com minhas sete saudades,
E parti!

Junto fui d'aquellas agoas
Que não vistes,
Que fallam de grandes magoas
E são tristes.

Ali com minhas tristuras
Me quedei;
E sonhei sete figuras,
Que contei.

Sonho fôsse que não fôsse,
Ou cuidado
Nunca vi coisa tão dôce
Acordado.

Tôda-las sete chegaram,
Perto eram;
Com vozes que alevantaram
Me disseram:

« Sômos sete engeitadinhas
Que conheces
Se alembrares o que tinhas
E não squeces.

De ti nascemos, senhor,
E sois nosso,
Na hora do grão amor
Que é o vosso.

Já te não deixâmos mais:
Ou t'escondas
Nos desertos areaes
Ou nas ondas;

Corras do mundo as partidas,
Longe andes
Por terras desconhecidas,
Mares grandes;

Comtigo sempre andaremos
Lado a lado:
Porque tu proprio seremos,
E o cuidado. »

Acordado então me vi
Alembrando
A falla que em sonho ouvi;
E tornando

Meus olhos áquellas agoas
Que não vistes,
Que fallam de grandes magoas
E são tristes,

Chamei companheiras minhas
Que fallaram:
E as sete engeitadinhas
Me levaram.

As violas

«Morrer, mas devagar»: o Rey bradava.
A noite da derrota emfim descia,
Como pano chagado que cobria
O despôjo da morte feia e brava!

Com sêde, cada morto refrescava
Os beiços na ferida que o floria...
E o crescente da lua, que nascia,
Era mauro, e de sangue se pintava.

Mas os Moços, no grande ardor feliz
D'essa Jornada d'Africa, trouxeram
As violas gementes do Paiz...

E do vento tangidas e tocadas
Que assopra do Paiz onde nasceram,
As violas alastram-se, quebradas!

Frei Antonio das Chagas

No saúdoso mosteirinho erguido
Em alpestrina serra, e penha dura,
Ao pé de clara fonte que murmura,
De onde fresco ribeiro sae torcido;

Depois de ter vivido, e ter morrido
Por compridos caminhos de amargura,
Um homem ali teve sepultura,
Perto de Deus, de humanos escondido.

Nessa fragueira serra alcantilada,
Entre caras lembranças que se choram,
Entre o dôce arvoredo virtuoso,

Viveu a sua morte, abençoada!
Por isso os olhos tristes se enamoram
De aquelle mosteirinho saúdoso.

Uma Canção do Salgueiro

Ó tristissimo salgueiro,
Arripiado de dôr:
Tive um amor, o primeiro...
Que foi derradeiro amor!

Salgueiro triste no ar subindo, todo num ai!
Vós, os que amaes, esse salgueiro de amor cantae.

Com ramos verdes, que magoa!
Adeus me dizes, tam triste...
Tens as raízes na agoa
Que já nos meus olhos viste.

Que estás carpindo? Quem é que amaste? Triste salgueiro!
No ar chorando, no ar subindo... Que dôr! que dôr!

Amei o meu namorado:
Deixasse-se amar, quem déra!...
Mas quanto mais era amado,
Eu menos amada era.

Triste salgueiro, salgueiro triste do amor primeiro,
Triste salgueiro, salgueiro triste do ultimo amor!

A velha do Fado

Vi uma vez, na rua, entre grupos alváres,
Um cego, que arranhava uma banza doente:
Nostalgicos, os sons ascendiam nos ares,
Cristalisando em ais sobre a barbara gente.

Junto ao musico, abrindo a goéla dolorosa
Num esforço de voz, grotesca! uma velhinha
Desafinava uma toáda melodiosa
Que atravéz d'essa voz, chymerica nos vinha.

E a ballada d'amor, torturado, sensual...
Mais a banza a gemer... Meus nervos desmaiavam!
A cada nota aguda era um dito brutal
Que do grupo que ouvia aos musicos jogavam.

E a ballada d'amor, sensual, torturado...
E a guitarra gemendo, arranhando, subindo...
Oh, a garganta velha! onde vinha coalhado
Em lagrymas o pranto, e em lagrymas cahindo...

Num relampago, eu, dentro do coração,
Nessa velha a uivar aquelle fado ali
(Emquanto terminava o echo da canção...)
Visionei um paiz: a minha Patria vi.

Romance

Fugiu a freira, fugiu
Para terras apartadas:
Por amor se vae fugida
Pelas compridas estradas.

Senhoras d'agoas e ventos
Em seu mosteiro na serra,
Deixa monjas e noviças,
Não leva saudades d'ellas.

Verdes arvores da cêrca
E fontinhas a chorar,
Deixa arvores e fontes,
Deixa-as todas sem pesar.

Sua céllasinha branca
E suas jarras com rosas,
Deixa flores, deixa cella,
Deixa-as a ellas sem dó.

Mas á hora da partida
(Que por amor vae partir)
Olha pra Nossa Senhora...
Já tem pena de fugir!

Saudades que della sente,
Saudades que nella vão:
Só por deixar a Senhora
Padece o seu coração.

E seu habito despindo
(Que nunca mais vestirá...)
A Nossa Senhora o veste,
A Nossa Senhora o dá.

Tornou a freira, tornou
Daquella terra apartada...
Leda foi sua partida,
Triste foi sua tornada!

Cavalleiro que seguira
Depressa a deixou sósinha;
Pelas compridas estradas
Veio chorando a mesquinha.

Teve sêde, teve fome,
Teve lagrymas na cara;
Teve saudades tamanhas
E de tudo que deixára:

Senhoras d'agoas e ventos
Em seu mosteiro na serra,
Lembrou monjas e noviças...
E teve saudades d'ellas!

Verdes arvores da cêrca
E fontinhas a chorar...
Lembrou arvores e fontes,
E lembrou-as com pesar!

Sua céllasinha branca
E suas jarras com rosas...
Lembrou as jarras e a cella,
A tudo lembra com dó!

Chega á porta do mosteiro,
Que ha de ella fazer agora?
D'envergonhada não entra,
D'envergonhada se chóra.

Mas ouve cantar no côro,
(Onde ella de antes cantou...)
Deu um passo para a porta,
Deu mais um passo, e entrou.

Vê deserta a portaría
(Que era a hora de resar...)
Corre, vae á sua cella,
Põe-se a chorar, a chorar!

Lá está Nossa Senhora
Com seu habito vestido...
Ai que saudades tamanhas!
Nunca tivesse partido!

Nossa Senhora sorri-se,
E diz-lhe Nossa Senhora:
— O habito que me déste
Bem pódes vesti-lo, agora:

Emquanto por longe andaste
Fiz as tuas vezes, eu,
Com teu habito vestido...
E ninguem me conheceu.

O Coração do Adamastor

Depois que Adamastor, triste gigante
Que apavorou no mar as caravéllas,
Sua historia contou ao navegante
E com lagrymas tantas, e querelas;
Calado se ficou, desde o instante
Em que, dizendo a causa antiga d'ellas,
Nelle viveram ainda, por lembradas,
As saúdosas queixas namoradas.

No Cabo fabuloso convertido
Que depois das Tormentas foi chamado,
Por que soffresse mais o amor perdido,
Só nelle o coração não foi mudado:
Por Thetys, linda nympha, endoidecido
De amor, que de antes tinha já tragado,
Erguido sobre o mar, Adamastor
No coração alberga aquelle amor.

Mas Thetys, que já de antes o enganára
Quando em seus braços rocha se fizéra,
Por lhe fazer a vida mais amára
Na lembrança dos males que lhe déra;
Por lhe lembrar desejos que affogára
E maiores desejos que accendêra:
Junto do velho Cabo depois ia
Toda nua nadar, e lhe sorria!

Com os braços cortando claramente
A corrente sem fim da agoa marinha,
Ora desparecia lentamente,
Ora cantando e rindo depois vinha;
E com risos e mostras de contente,
A nympha, que do mar era rainha,
Sem lhe doêr crear tamanha magoa
O corpo lhe amostrava, fóra da agoa!

O coração do monstro, palpitando
Sob a rocha que todo o sepultava,
Soffria o grave caso miserando
Que era caso de amor, que lhe lembrava!
Em tormentas a cólera gastando
Os mares com procellas agitava;
E com roucos suspiros de saudade
Só por amor creava a tempestade!

Eram ais, eram uivos de vingança
Que as agoas revoltava, e vento irôso,
Com o amoroso odio que não cansa
No coração do Cabo Tormentoso!
E a cada nova e candida lembrança
Do seu conto de amor, elle, amoroso,
A doida tempestade ali soltava,
Emquanto o coração se lhe apertava.

As pobres náos dos Lusos que passavam
E com serena Fé pelo mar iam,
Colhidas das borrascas naufragavam,
As ondas sem piedade as enguliam!
E Adamastor, que ouvia os ais que davam
Os nautas que perdidos se morriam,
Contente se ficava, e socegado
Por se lembrar que algum seria amado.

Mas, quando a manhan rôxa ali trazia
A luz, por descobrir tantos destroços,
Adamastor então se arrependia
Por tanto dano e morte dar aos nossos;
Seu velho coração se comprimia
Sob o pêso das rochas, que eram ossos,
E por Thetys clamando e suspirando
Ia as tormentas doidas assoprando.

Immenso e só, ao Cabo hirto e severo
No fado que lhe outr'ora os deoses deram,
Os homens por terror e acaso féro
O seu antigo nome converteram:
E a quem viveu em tanto desespero
O de Bôa-Esperança lhe puzeram!
Ai do pobre gigante enamorado,
Que muito amou, que nunca foi amado!

Agora, quando as nuvens apparecem
Carregadas de ventos que quebrantam,
Sabei que dores são que não lhe esquecem
E saúdades tristes que ainda cantam:
Que são ellas que os ares escurecem
E as verde-negras ondas alevantam;
Que é ainda o velho amor, que novo existe
No coração do grande Cabo triste.

Namorados, chorando a crueldade
De aquellas a quem déstes vosso amor,
As cóleras amae da tempestade
E das ondas e ventos o furor:
Lá ouvireis a grande saúdade,
Á vossa egual, do pobre Adamastor...
E contentes sereis, e confiantes,
Por a dôr ajuntar á dos gigantes!

Saudades

« E saudades até... d'outras saudades! »

(Do Poeta)

Sim, meu Paiz! bem deves, tu, de tê-las!...
Quantas luas e sóes foram passados?
« Menina e moça me leváram... » Fados
Tristes, influxos máos, e más estrellas!

Mas o meu coração sabe entendê-las:
Porque uns olhos de Amor assignalados
Passaram ainda além dos meus cuidados...
Que nem ha as saudades descrevê-las!

De saudades sabeis, coração triste!
De saudades é cheio o vosso ar,
Que respirá-lo apenas, é soffrê-lo.

E a saudade maior de quanta existe,
É a do bem que está para chegar
Na lembrança que temos de perdê-lo.

a Trindade Coelho,

Tem a minha visinha costureira
Um filhito, tam pallido! infésado...
Dá-lhe para chorar: e ei-lo agarrado
A' mãe, chorando uma manhan inteira!

Ella, na melancholica canceira
Da sua vida, qué-lo vêr calado;
E diz-lhe: chora mais, anda! coitado!...
Não acabes a tua choradeira!

Se isto ouve, a creança então calou-se.
A mãe insiste, e elle calado, ora!...
Santo remedio, esse, pra o calar.

Oh! se a nossa alma uma creança fôsse!
Mas quanto mais a gente lhe diz: chora...
Mais ella tem vontade de chorar.

A voz do Longe

Romeiros corações! Enamorados! Nautas!
Escutae essa voz:
A voz do Longe é como a voz da alma das flautas,
Põe-se a chamar por nós...

O canto do longinquo o sentido embriaga,
Dentro d'alma se esconde...
Aonde me levaes, ó cantilena vaga?
Aonde? Aonde? Aonde?

Junto ás ondas do mar, por crepusculos verdes,
Ouve-se a voz, d'além...
Por quem, meu coração, assim te vaes e perdes?
Por quem? Por quem? Por quem?

E alta rocha bravía, escondida espessura,
Beiral de casa, flôr,
Astros da meia noite, olhos onde ha tristura,
Pensamento de amor...

Ondas azues, luar, a funda nostalgia
Da cantiga do mar...
Tudo repete a fluida e esteril melodia
D'essa voz, a chamar!

Mas é do nosso sangue, adentro d'estas veias
E creado por nós
Aquelle canto, onde ha chymeras ás mancheias,
Que nos diz essa voz?

Ou do Longe virá para os nossos ouvidos,
Confusa e fluida, assim?
Voz de quebranto e sonho, opiando os sentidos...
Que me perturba a mim?

Essa voz é, talvez, a lembrança ancestral
De bons Antepassados
Que estendiam no mar, entre a calma rural,
Os olhos alongados...

Essa voz é, talvez, o magico presagio
Com que, nos dias máos,
Lindos monstros do mar conduzem ao naufragio
Embebecidas náos.

Essa voz já cantou nos ouvidos christãos
Dos que partiam de antes
Com uma spada na cinta, um rozario nas mãos,
Para guerras distantes.

Essa voz é, quem sabe? aquella que cantava
Vagas coisas incertas
Ao Infante com scisma, absórto, que sonhava
As santas Descobertas.

Escutou-a tambem Magriço, no desejo
Das emprezas tamanhas,
E por mais agoas ver do que as do Douro e Tejo,
Varias leis, varias manhas.

E Joanne, o perfeito, ouviu-a, e não lhe esquece
A voz remóta e ardente...
E áquelle a quem em sonho o Ganges apparece
Como visão d'Oriente.

E partiu, de a ouvir, principe peregrino
Por terra e mar sem fundo...
Aquelle que correu, pela mão do destino,
As partidas do mundo.

Sentiu-a, d'Além-mar, desde os dias primeiros
Aos derradeiros dias,
Moço rey celebrado em versos nevoeiros
E rezas prophecias...

Sob a funda impressão dessa voz toda em ais,
Meu coração, te animas:
E palmeiras evoco, um deserto, areiaes,
Maravilhosos climas...

Brazeiro-pedraria ao sol d'Azia, um thesoiro
Abrindo em maravilhas...
E, ao rés d'agoa verde, as peninsulas d'oiro,
Afortunadas ilhas...

Um rio santo, a lua entre ruinas sagradas,
E peregrinações...
Beijos de amor, veneno, um palacio de fadas,
Oceanos e nações.

Ouvindo a voz do Longe, a fina voz d'além,
Meu coração responde:
De quem é esta voz que me chama? De quem?
E onde me leva? Onde?

Sopor Marianna das Cartas

« Se te amasse tanto, tanto como te hei
« dito mil vezes, não estaria morta de
« ha muito? »

Marianna Alcoforado.

Numa velha cidade do Além-Tejo
Que tem um doce nome, terra antiga,
Viveu-se uma tragedia que inda vejo
Na tua alma de triste rapariga.

Vejo aquella janella onde suspiras
E onde choras o teu amor primeiro,
D'onde passar, infeitiçada, viras
Olhando para ti, um cavalleiro.

Lembro todo o teu poêma d'amargura,
E saudosa te creio ainda ahi
Screvendo Cartas, sem litteratura,
Ao imbecil senhor de Chamilly.

E as cinco Cartas, gritos e gemidos,
Dizem-me a immensa desesperação
Dos corações que amaram, e trahidos
Estrebuxam de raiva e de paixão!

Tudo que é dôr d'amar, tua alma o disse:
São pragas, orações, lagrymas doudas...
Duvidavas, horror! que elle as abrisse,
Por serem grandes, que as não lêsse todas!...

O teu romance de mulher que amou
É a historia, afinal, que me arripia,
Da costureira que se suicidou
Atirando-se á rua, certo dia.

É aquella noticia de jornal
Em que ninguem repara, nem attenta,
De uma mulher que foi pró hospital
Por ter comido phosphoros, ciumenta!

A sempiterna historia do alto Amor!
A razão do que morre e do que existe,
E fez chorar o grande Adamastor
E o meu visinho que anda magro e triste.

É o conto da Luisa e da Theresa,
Que eu vi amar, que eu vi chorar, soffrer...
Ambas tuas irmans pela tristesa,
Mas que nunca souberam escrever!

E' o romance dos Desenganados,
Dos enganados, dos trahidos, e
Dos que amaram e foram desamados...
Todos têmos na vida um Chamilly!

Eis que passam e correm muitos annos,
E da Soror que foi linda trigueira
Resta, passados duros desenganos,
Apenas uma velha e bôa freira.

Pois tu, que as cinco Cartas escreveste,
(Que a tua alma de lá perdôe e me ouça)
Morreste velha!... Porque não morreste
Depois de as escrever, menina e moça?

Velha!... Vives serena e esquecida:
Cabellos brancos nevam-te a cabeça...
Depois da morte inda adoraste a vida,
E do romance fica uma abbadeça!

E sabendo tua sorte e triste sina,
Cuido, apesar de serem tam crueis,
Que foi mentira essa paixão divina,
E as Cartas, como as outras, só papeis...

Canção dos Degredados

Já na grande embarcação
Da Terra vão apartados,
Pela linda barra fóra...
Os degredados.

Seus olhos, como os mais olhos,
Vão de lagrymas molhados:
Mas ninguem nas sabe vêr
Nos degredados.

Deixaram paes, irmãsinhas;
Alguns eram bem-casados...
Olhem as noivas-viuvas
Dos degredados!

Capitão põe-nos a ferros,
Os pulsos levam atados
Pela linda barra fóra,
Os degredados.

Por mais ferros que lhe ponham,
Com vigia de soldados,
Livres são os tristes olhos
Dos degredados...

E da grande embarcação
Vão para a Terra voltados
Aquelles olhos saudosos...
Dos degredados!

Velha gravura

Achei-te numa loja, entre dois pratos
Da India, melancholica sorrindo
Com a melancholia dos retratos
De quem viveu ha seculos, e é lindo!

E, parei: para vêr a semelhança
Que tinhas com alguem, mas quem seria?
Alguem, de quem eu tinha uma lembrança,
Mas, se o lembrava, não no conhecia!

Não sei onde, nem quando... Longe? perto?
Alguem, d'onde nasceu minha amargura:
E cuja fórma adivinhei, decerto,
Na alma feminina da gravura!

E doeu-me, depois, vêr posta á venda
Á porta d'uma rua da cidade,
Alguma coisa que era a minha lenda,
Que era tudo, por ser uma saudade.

Desde então habitáste a minha meza:
E vejo-te, sabendo que és só minha,
Companhia fazer a uma tristeza
Para a deixar mais triste, e mais sósinha!

E, linda, aristocrática Figura
No fanado papel toda delida!
Abres pra mim teus olhos, da moldura
Onde foi encerrada a tua vida...

O que ha em ti, pedaço de cartão,
Para que te ame e conte o meu amor?
Porque me fallam tanto ao coração
Os golpes de buril d'um gravador?

D'essa gravura exála-se, subtil,
Um antigo perfume complicado:
E, assim, não amo os traços dum buril,
Mas o sonho que foi ali gravado.

Amo Alguem, que não vi mas que morreu...
Alguem, uma mulher igual áquella:
Quando a quiz conhecer perdi-a eu,
Se me púz a buscá-la, fugiu ella!

Todo um passado que se não passou,
Toda a ventura que jámais se viu:
Mas por cuja lembrança em mim chorou
O coração, que nunca m'a attingiu!

E meus olhos que assim te comprehenderam,
Velha gravura! em ti, chorando, amáram
A bellesa das coisas que morreram,
A saudade das coisas que passáram!

A Accacia do Jorge

« Quando a Accacia do Jorge ainda uma vez inflore,
« Chamae-me, que eu de abril nas auras voltarei... »

Camillo Castello Branco.

Camillo! como acreditar, como hei de
Entender estes versos que deixaste?
Floriu a Accacia em S. Miguel de Seide,
Cada anno te espera, — e não voltaste!

Já tantas vezes deu a sombra amiga,
Que tu gostavas tanto de gozar...
Florída, tem um ar de festa antiga
Na esperança de te vêr voltar!

Voltar? A velha arvore que cance!...
Por fim ha de ruír, numa amargura.
Prepáras lá um ultimo romance?
Suprema indiscripção! Genio e loucura!

Dolorosa novella desmanchada,
E que nos deixe pallidos e absortos,
Onde nos digas, grande camarada,
O gôrdo amor de brasileiros mortos!

Os Amorosos, que se vão chorando
Á porta do convento, e amortalhar-se...
Com habitos de terra aconchegando
Os esqueletos de ossos a chocar-se...

Um romance da cova, com morgados
Que o além desbastou; com almas finas
De mysticas de Amor, lindas Meninas
Em mosteiros chorando, abandonados!

E a descompósta, lugubre risada
De romantica bocca, que era a tua,
Nesses reynos da Morte gargalhada
Sobre defunctos namorando á lua!

E toda a vã e toda a derradeira
Esperança do cabo da viagem;
Com descriptivos, á tua maneira,
D'esse Minho da Morte da paysagem...

O' Accacia! é já tempo: desesperas?
Não te ponhas florida, põe-te aos ais!...
Nunca mais voltará esse que esperas,
Ouves bem este horror? Jámais! Jámais!

E os versos d'elle, onde a saudade existe,
Que á despedida te gritou tambem,
Ah, não são mais que uma mentira triste:
Como tudo, afinal, que nos faz bem.

Poetas! perguntae ao pensamento
Que mais chymeras e desgraças forge?
Antes te séque um raio, ou parta o vento!
O' Accacia do Jorge...

Triste-feia

Aquella triste-feia miúdinha
De cabellos castanhos e olhos feios,
De bocca murcha, de mirrados seios,
Que entre nós outros pallida caminha;

Desde que a tenho, ha mezes, por visinha
Jámais alegres ví seus olhos cheios
De solidão! E taes cuidados leio-os
Em seu geito de misera e mesquinha.

Triste-feia lhe chamam. E ella passa
Seus dias começados de manhan,
Sósinha, olhando a vida, que a odeia.

O' minha companheira de desgraça!
Anda cá, meu amor, dou-te uma irman:
Minha saudade é uma triste-feia!

a Antonio Lino Netto.

Figuras de Cêra

D'essas feiras joviaes o estridor
Acalma-me; e enerva-me um cansaço...
A multidão que luta, braço a braço,
Para chegar depressa, e vêr melhor!...

Olvidam-se na bulha a fome e a dôr.
Parece alegre, olhae: esse palhaço.
As comicas cornetas pelo espaço
Casam a voz aos rufos do tambôr.

Esmága-nos a chusma, jovialmente.
Sômos nullos, agora, na enxurrada.
Entrae! Entrae! brada uma voz, gemente.

Risos, ditos agudos no ar clangóram!...
E entre a turba, que exulta, enthusiasmada,
As figuras de cêra quasi choram.

Don Quichotte

Encontrei hoje a rir, perdidamente,
Sobre a Novella de Miguel Cervantes,
Alguem que eu imagino intelligente
E chora quando lê coisas tocantes.

Aquelle riso deu-me ao coração
Nem eu sei que travôr, ou que fastío!
(No riso d'outros é que eu chóro então,
E nas lagrymas d'elles, é que eu rio...)

No desconcêrto reparei que existe
Numa alma que se ri ás gargalhadas
Do cavalleiro da Figura Triste,
E das grandes chymeras desfloradas.

Candido heroe do sonho pictoresco
Cavalgando o ginete escaveirado,
Paladino vestido de grotesco,
Infantil coração d'Enamorado!

Mas eu, pelejador que arremetêste
De lança em riste contra um moinho vario!
Entendo toda a vida que viveste,
O martyrio ancestral do teu fadario...

O teu grotesco é só sinceridade:
A amargura sem fim dos que trouxeram
Ao peito aquella Flor de lealdade,
Que as miserias da Vida emurchecêram.

Flôr de tão alta e clara procedencia
Que, se a homens é dado tê-la, e os órna,
Porque se chama ideal e consciencia
Em motivo de lagrymas se torna!

Flôr de tam pura, alevantada origem,
Que para a possuir se faz mister
Um coração que seja branco e virgem,
E grande, para a dôr lhe lá caber!

Essa loucura é, ó esqueletico!
A razão d'uma arte e d'uma vida
(Ria-se embora o gôrdo Sancho, o septico...)
Entre pedradas e entre luz vivída!

Eguaes a ti, por abrigarem todos
No peito alguma Flôr branca e divina,
Os namorados são, — poetas e doudos,
Que correm pelo mundo a tua sina.

Eguaes a ti, ó triste! e teus irmãos
Nós somos, ó ridiculo! tambem:
Todos que para o Sonho erguem as mãos,
Para o vêrem fugindo sempre além!

E em nosso sonho, se elle é bello e louco
E um grande Amor o doira e o desmancha,
Dentro de nós trazêmos sempre um pouco
Do senhor cavalleiro de la Mancha!

Como a ti, que a canalha um dia tinha
Espancado, nos mórdem: nós, passando,
Vamos, cheios de chagas e de linha,
As chymeras altivos porfiando.

Mascarrados d'estrellas e de treva,
Entre a vaza dos homens, que agonia,
Seguimos para a banda onde nos leva
A regra d'uma Dôr-cavallaria...

Por isso, quando leio essa Novella,
Onde elles riem fico triste e só,
Achando mais tristezas dentro d'ella
Do que no livro biblico de Job!

Assim te adóro e entendo, ó cavalleiro!
No peito abrigo tua vã memoria:
E, phantasia-Andante, o mundo inteiro
Côrro, montando o Rocinante-Gloria!...

A poesia dos Realejos

Instrumento imbecil, machina triste,
Chorando móes as lagrymas, de cór;
Moinho de sons, mas cuja voz insiste
Em me contar irremediavel dôr.

Grotesco como as velhas amorosas,
Como ellas d'um grotesco, pra chorar...
O' vozes côxas, fifias dolorosas,
Suspiros que são mais que suspirar!

Inconscientes, pela rua os sigo,
Ridiculos e líricos, tangendo
As mesmas arias d'um perfume antigo
Que nossos paes andaram commovendo.

As mesmas coisas, sempre renovadas,
(Muda o registo: muda-se a tristesa!)
Italianas, tysicas, cançadas!...
E, lamentosa, rompe a Marselhesa.

E o realejo acha as expressões:
Dita por elle, essa banalidade
Entre os que passam dando-lhe encontrões,
Esmalta-se de rythmos de Saudade!

Tira do lugubre um effeito novo,
Motivos que ninguem compôz assim...
E eis que á volta, já triste, foge o pôvo
E eu ponho-me a chorar dentro de mim!

O trôpego, gemendo aria ligeira
(Pensam os velhos: ah, bom tempo, aquelle...)
E' um exilado, é uma carpideira,
Mas que ninguem ouviu, nem sabe d'elle.

Hymnos heroicos, logo os descolora!
(Sabe-me a murcho, cheira-me a cinzento...)
E elle geme, suspira e espectora
O seu podre e romantico lamento!

Ó machina grotesca e desgraçada,
Quebra a alavanca, não rouquêjes mais!...
Porque será que nunca escutei nada
Mais triste que essas valsas joviaes?

E, sem saber, por essas ruas vou-me
A segui-los; e em lagrymas eu vejo-os
Dizer isso que em mim não tem um nome,
Mas que é egual á dôr dos realejos!

O Desejado

« Ó! quem tivera poder
« Pera dizer
« Os sonhos que o homem sonha! »

Gonçaleannes Bandarra.

Morto não foi, não foi, nas mauras lanças
Nosso Rey-maravilha, que, tornado,
Em certesas mudou as esperanças!

Por entre o cerraceiro foi chegado:
Verdades foram altas prophecias,
O desejo alcançou o Desejado.

Depois de tantas noites, tantos dias,
Tantas compridas horas, aguardando
O trazedor das honras e alegrias,

Ei-lo que torna, qual feliz estrella
Que pelo ceo abrindo aza benina
A ventura nos desse, ao estendê-la.

Assim, cumpridos foram fado e sina:
Voltou! voltou á Patria desgraçada
Para fazê-la a Patria a mais divina!

Por Deus ditosa foi sua tornada:
Num cavallo passou agoas marinhas,
Seguido por luzente cavalgada...

E, ó pôvo infelice! tu que tinhas
O pescoço na corda já mettido
E dos Córvos fugindo ha tanto vinhas,

Áquelle vencedor, jámais vencido,
A ventura deveste em que ora trazes
O alto pensamento esclarecido.

Depois dos ceos de sangue, ceos lilazes;
Depois de noites negras, alvas de ouro;
Depois da santa guerra, santas pazes!

Ó que divino Rey de bom agouro,
Que ao pôvosinho trouxe uma esperança
Que fomes lhe matou, seccou o chôro!

A terra está frolida: e logo alcança
Aquelle que a tratar com devoção,
Com que o celleiro encher com abastança.

Toda-las arcas enchem-se de pão!
De linho fresco cobrem-se mendigos,
De estrellas cada puro coração...

Todos os homens são irmãos e amigos:
Aquelles que por lá juntos venceram
E os que por cá viveram seus perigos.

Dez sóes em Portugal amanhecêram!
Terra felice, terra de Deus filha:
Bemditos os que assim te convertêram!

Terra, que és uma afortunada ilha,
Entre espessuras altas saúdosa,
E coberta d'um Ar de maravilha!

Bemdita seja a volta gloriosa
Da Fortuna! Bemdito seja Christo,
E do seu Capitão a alma fermosa!

Ó tempo, por nós todos já bemquisto!
O mar é nosso, o sólo é tenro, a gente
Honrada, a terra farta: a vida é isto.

Náos prenhes d'oiro chegam-nos d'Oriente:
Mas sabemos que o oiro cria dôres
E faz d'um pôvo forte, um pôvo doente...

E então, entre cantigas e entre flôres,
Atirâmo-lo ás ondas, que o apanham...
E as ondas verdes doiram-se de côres,

E ondas doiradas nossas praias banham!

Quinta de Lena

Naquella Casa está minha esperança...
Viver! Fugir á Vida! Desertar!...
O nosso alpendre e o mar por visinhança,
Nós a sorrir e as ondas a cantar.

Sonho de Lar! Ah, todos te hão já feito,
E muitos te hão cantado e te hão vivído:
Para o crear é só preciso um peito;
Para o cantar, ter já enrouquecido.

Bêbedas, a cantar d'entre o nevoeiro,
As chymeras desmancham-me esse Lar;
Um sonho d'outro sonho é o coveiro:
Para um viver, o outro ha de enterrar...

Meus ouvidos, tapae-vos! Por janellas
Abertas para o Mar vêm Tentações...
Longe! Saudade! Gloria! (E as vozes d'ellas
Cantam...) Remoto! Occulto! Amor! Visões!

Meus ouvidos, tapae-vos! (Noite em trevas...)
Novas sereias, suas vozes são
Mentiras! (Pensamento, onde me levas?)
Mentiras!... (Onde vaes, meu coração?)

Meus olhos, sêde humildes! Apprendei
Essa expressão de simples e de bem,
Que jámais tive, desde que chorei,
Que outr'ora tinha ao pé da minha mãe.

As vozes tentam... Canta o Nevoeiro...
Não! Não! Fugir á Vida! Desertar!
Ninho de fragas, meu amor primeiro,
Nós a sorrir e as ondas a cantar.

Vozes, que me levaes! (A noite é velha...)
Eu não vos ouço, nem vos quero ouvir!
Porque uma frota branca se apparelha
Para terras felizes descobrir...

E não serão aquellas Ilhas d'ouro,
Mas um palmo de Casa afortunado:
Onde alguem cante, por seccar meu chôro,
Onde alguem ame, por me vêr amado.

Se a Terra existe, ha de essa frota achá-la!
(Grita o gageiro: a Felicidade!...)
Porque essa fróta, para apparelhá-la,
Queimei-me: e só ficou uma saudade.

Ha de alcança-la! Que, para alcançar-te,
Cem vezes morto fui, antes, de dôr...
Eu poeta não sou: não creio na Arte!
Homem apenas, quero crêr no Amor.

A gloria? Ah, sim... Mas esta dôr tamanha
Desde o primeiro dia ao derradeiro
De vêr naquillo, — altissima montanha!
De vêr no meu, — apenas um argueiro?!

Os dias passam bocejando as horas,
As horas bocejando seus minutos:
E o tempo range e arrasta, como as noras,
Alcatruzes de tedios e de lutos!

Pelas janellas entram novas rondas,
Mas no meu peito não lhes dou guarída...
Enlouqueci, de escutar muito as ondas,
Enrouqueci, de blasfemar na Vida!

Só no meu quarto, meu cigarro accêso,
A madrugada encontra-me a compôr
Estes versos, que são carta de preso,
Escripta da cadeia ao seu amor.

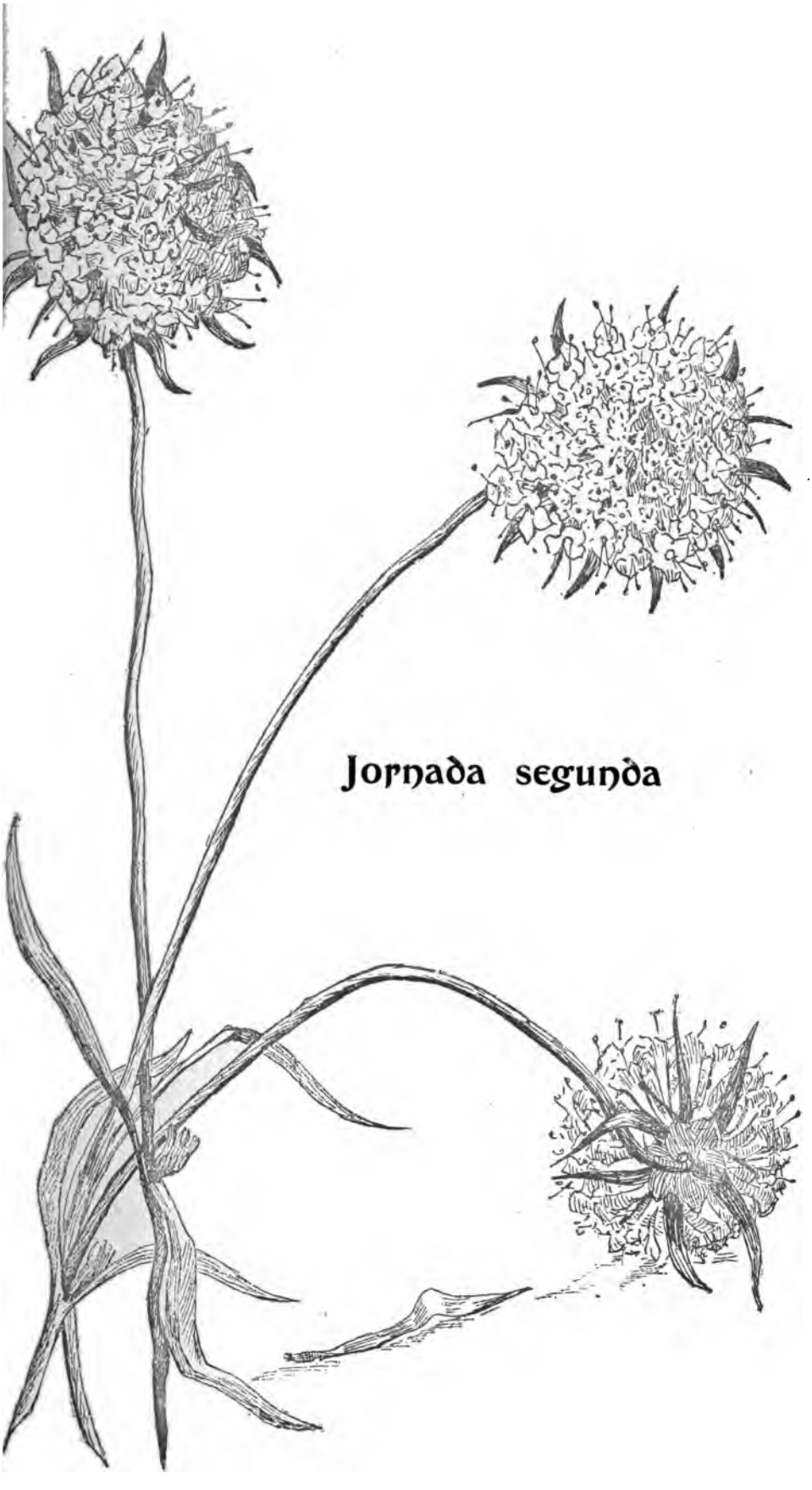
O Engeitado

Na róda pôsto fui dos engeitados
Por minha mãe Fortuna, mal nascia:
Porque essa féra mãe não me queria
Entre os ditosos filhos seus amados.

Com extranhos crescêram meus cuidados,
Com expóstos irmãos assim crescia;
E quando fômos homens, certo dia,
Puzêram-nos na Vida, abandonados.

Agora, pelas ruas d'esta Vida
A minha féra mãe anda a buscar-me,
Seu coração de mim se compadece.

Que faz que a féra seja arrependida?
Em demanda de mim póde encontrar-me,
Mas, ai! se me encontrar, não me conhece!



Jornada segunda

I

Aqui lereis palavras que nasceram
Como gritos, dos beiços que as diziam:
E Saudades vereis que endoideciam
As meninas dos olhos que as trouxeram.

Nem para vós os versos se escreveram,
(Que em riscos no papel se convertiam)
Nem para mim, nem para os que os ouviam,
Que foram tristes echos que os colheram.

E meus dias assim se me passaram,
Junto ás ondas do mar, que ali morria;
E o que as ondas á alma me ensinaram

Vae nos versos de amor que vos fazia:
Chorando, como as agoas se choraram,
Saudoso, como a alma que as ouvia.

II

Para o meu êrmo fui, mas o que outr'ora
Um êrmo fôra, o vi todo mudado:
Pois de minhas Saudades povoado
O bem da solidão não tinha agora.

Sete vezes coitado de quem chora
O ser na solidão acompanhado!
Sete vezes coitado e desgraçado
De quem morou no êrmo, e nelle mora.

Minha ditosa solidão passada,
Perdi-te para sempre, e nesse dia
Perdi minha passada incantação.

Que nesta vida tam desamparada,
Depois que vejo tanta companhia
É que me faz sósinho a solidão.

III

Ali, onde penedos brutos foram
Companhia de tanta vã tristesa;
Lá onde se me amansa a natureza
No conversar com echos que lá moram;

Ali, onde as alcyones se choram
E a quebrança dos mares tem bravesa;
Ali, onde pinheiros, na asperesa
Do doirado areal, o ar descoram;

Ali os soes e as luas vi passarem;
Nem outro bem lembranças me trouxeram
Que lembrar o que fôra um mal tambem.

Minhas dôres não são por se contarem:
Porque tantas traguei, e tantas eram
Como de grãos de areia a praia tem!

IV

Ao cólo da vossa ama, ereis menina,
Andaveis num jardim, quando chegaram
Sete fadas, e todas vos fadaram
E cada qual vos deu fermosa sina.

Logo afilhada, assim de tamanina,
De sete fadas que vos embalaram,
Os vossos dias todos se passaram
Em graças acabando-vos divina.

Sete madrinhas vos fizeram linda,
De sete fadas bentas afilhada
Um dia, num jardim de Portugal.

E bemfadada e bella sois ainda!
Menina e moça, que não foi levada
Para estas longes terras de meu mal.

V

Qual a dôce Menina que deitava
Perolas pela bocca, mal a abria,
E por cada palavra que dizia
De perolas seus passos semeiava;

Em perolas eu vi que se mudava,
Nessa hora de amor de um breve dia,
O que essa leda bocca, que sorria,
A meus ouvidos rusticos contava.

E perolas no ar, como mancheias
De estrellinhas que ao sol brilhassem mais,
Eu vi que d'essa bocca se soltáram.

Essas palavras perolas guardei-as:
Mas por artes d'Amor, e de meus ais,
Em lagrymas depois se transformáram.

VI

Alto bradei aos echos, por que ouvisse
Humana voz que um bem ali me desse;
Mas só porque saudades lhes dissesse,
Saudades cada echo a mim me disse.

De minha voz fugi, por que fugisse
A lembrança do mal, que não esquece;
E aos echos, porque tudo adormecesse,
Não mais bradei do valle ou da planicie.

Mas minha voz os echos decoráram,
De tanto a escutarem, lamentando
Aquillo que de mim lhes fui dizendo.

E nunca mais os echos se calaram:
Uns um nome dizendo, outros chorando,
Outros chorando; outros, respondendo.

VII

Já de pastor servi, como servia
Jacob, triste pastor, flôr de serranos;
Tambem pastoreando os meus enganos
Com esperanças emmeninecia.

Mas sempre foi destino que algum dia
Nos venha a paga, ao cabo dos sete annos:
E logo o meu rebanho em desenganos
A mudavel fortuna convertia.

Mas o triste pastor, em seu cuidado
E naquella traição enganadora,
Não foi, como Jacob, sereno e forte.

Porque ao seu coração desenganado
Disse: que mais servira se não fôra
Para tam curto amor, tam longa a morte!

VIII

Forte me quero vêr; e, assim, engeito
Todo o contentamento da amargura:
Que neste mal um bem se me afigura
O não ter outro bem dentro do peito.

Vejo no mar, para onde os olhos deito,
Ondas altas quebrando com bravura;
E um penedo alevanta a rocha dura,
Onde o limo pegou com brando geito.

E digo em mim: mais me valia ser
Bruto penedo, ou onda brava e clara,
Do que um homem mortal com coração!

Chora-se logo a onda, e vem dizer
Que quer parar na areia, e nunca pára;
Chora a rocha por ser pregada ao chão.

IX

Florecem as tristezas na alegria
Do ceo cheio de sol, que os ares lava;
E amargura não ha, nem dôr tam brava,
Que possam inoitar um claro dia.

Quando de vós ali me despedia
Vi que á roda de mim tudo cantava:
Arvore, monte, rio que passava,
Duro penedo, leda cotovia.

Ah, porque havemos nós de ser tam pobres
Que nem podemos pôr nossa tristeza
No ceo e nas charnecas e nos montes?

Sol que dás vida, sol, vê se te encobres!
E apprenda a chorar a natureza
Como sabem chorar olhos, e fontes.

X

Saudades enforquei, porque não dessem
Contentamentos vãos, que mais matavam;
E lembranças de bem, que me lembravam,
Ao lume as atirei, para que ardessem.

Aos echos fui pedir que não dissessem
O nome que meus ais lhes ensinavam;
E a meus olhos roguei, quando choravam,
Que por ledos pomares discorressem.

Mas as Saudades todas reviveram,
As lembranças do bem resuscitaram
E fallaram os echos sempre mais.

Eu, morto fui porque elles não morreram;
E vivo ainda porque me mataram
Saudades e lembrança, echos e ais.

XI

Que vos direi, já agora, temeroso
De nada vos dizer minha escriptura,
Que vos direi de mim, quando a lonjura
Me faz em terra alheia saúdoso?

Nem do passado, agora, esse amargoso
Gôsto de achar memorias de tristura
Nas coisas, me põe menos amargura,
Nem de amarguras menos receioso.

Da minha terra, que sois vós, partido
Por tam longe que um mar me faz ausente,
Minhas Saudades trouxe, e muitas nascem.

Qual um echo que houvesse indoidecido,
E ficasse gritando eternamente
Às palavras que um dia lhe gritassem!

XII

Nem eu conheço mór desesperança
Que a de quem, com seus males apartado,
Sabe que nunca lá será lembrado
E a quem o esqueça traga na lembrança.

Mas isto de estar longe, não se alcança
Só com andar caminho dilatado:
Ser longe é ser, apenas, olvidado,
E ser pertinho é ter-se confiança.

Mórtos, que amâmos, são comnosco, são
Na saudade do nosso peito aberto,
Na memoria do nosso coração.

Ai minha linda, o coração da gente
Se bem lhe querem, mesmo longe é perto,
Se mal lhe querem, mesmo perto é ausente!

XIII

Não póde o coração, por mais perdido
Que em outro tempo andasse, descontente,
Não póde haver um mal que experimente
Que o faça noutro mal tomar sentido.

Aqui esteve á morte; ali, tolhido
De dôr que já soffreu mas já não sente;
Além perdido esteve, mas, contente,
Lá irá outra vez, já esquecido.

Ah, que lhe importa a elle? Agora o vejo
Triste, mas suspirando por tristeza,
Como quem de soffrer houvesse gloria.

E deslembrado assim é que o desejo:
Que a gente endoidecia, com certeza,
Se o coração pudesse ter memoria!

XIV

Senhora, imaginae que se morria,
Qual da candeia a luz quando assoprada,
A luz do sol; e toda sepultada
Em sombra, a Terra em sombras se afundia.

Nunca mais, nunca mais amanhecia
Côr de manhan, rubor de madrugada;
Para sempre acabando a luz dourada,
Para sempre tambem anoitecia.

Imaginae a treva irreparavel
Do mundo morto, e a muda tempestade
Das coisas, sob o funebre lençol.

Senhora, pois eu acho comparavel,
Se assim morrêsse a luz, minha Saudade
Á saudade do mundo pelo sol.

XV

No mar alto me vi, cabos dobrando
De ignoradas Tormentas de cuidado;
E nunca de saudades escapado
Fui-me com ellas sempre naufragando.

Senhora, assim andei; assim foi quando
No grande mar de lagrymas salgado
Meu coração salvei, cortando a nado
As dôres, no naufragio miserando.

E na revolta muda dos sentidos,
Virados contra mim por me matar
No meu navio entre procellas rôto,

Por Deus (bradei) sejâmos protegidos!
E atirando as saudades para o mar,
Bradei: aqui, Amor seja piloto!

XVI

Sete-estrello no ar ditoso mora,
Sete pintas do ceo, sete estrellinhas;
Sete foram tambem saudades minhas,
E mais de sete são, se as conto agora.

Do sete-estrello esta alma se enamóra,
E tu, coração meu, mal adivinhas
O que te dizem trémulas pintinhas
Quando sol esmorece, e luar descóra.

É a Saudade, ainda, que boiando
Traz meus olhos airados pela altura,
É o cuidado e o bem de vos amar.

E ao sete-estrello fico perguntando:
Se mais alta não vae uma ventura
Que Deus tem, que Deus tem pra me não dar?

XVII

Ah, que ditoso aquelle ribeirinho,
Que na dourada areia caminhando
Sua jornada segue, e vae andando
Sem arrependimentos no caminho!

De uma fonte nasceu, e do carinho
De sua mãe se aparta assim cantando;
As concertadas agoas ordenando
Pela polida cama, de mansinho.

Que fortunosa sina de invejar
A sina fortunosa d'estas agoas,
Sem ambições de procurar o mar!

Manso corre, dourando-se de sol.
E tam feliz, que nem por suas mágoas
Lhe ha de cahir na agoa um rouxinol...

XVIII

Olhos, que verdes são, ali parece
Que na marinha agoa a luz s'inflamma;
Ou que de moço álamo na rama
A veranilha côr já reverdece.

Ali, a mesma luz, quando amanhece
É luz mais do que luz, mas não é chamma;
D'ali a piedade se derrama
Com geito d'alma que os emmeninece.

Ali se dividiu um coração
Nessas dôces metades repartidas,
Que não choram por mim lagrymas finas.

Tam longe estão de mim, da terra estão,
Que de si proprias andam esquecidas
D'aquelles olhos verdes as meninas.

a um busto de Donatello, em Florença.

XIX

Em ti, mais do que em tudo, descansaram
Meus olhos, que cegando ha tanto vinham;
E os doidos, que caminham e caminham,
Em ti, como numa alma, se poisaram.

Na figura de pedra, emfim, acharam
A Parecença, o ar, onde se aninham;
Porque as minhas saudades adivinham,
Porque os meus olhos, vendo-te, choraram.

Nem sonhos de belleza me moviam,
Mas saudades, apenas, (sem cuidar...)
M'ordenaram amar-te, ó pedra fria!

Se as estatuas fallassem, que diriam?
E se m'ella pudesse, um dia, amar,
Com que saudosos olhos me olharia?

XX

Por valles, montes, luas, alto mar,
Por minhas scismas, imaginações;
Por grandes e perdidas cerrações
D'aonde maravilha foi tornar;

Por desertos de areia, e fumos do ar,
Por mil desencontradas sem-razões;
Por cruezas de humanos corações,
Por fortunas do vão imaginar;

Longa jornada fiz, mortal jornada:
Soffri sêdes e fomes, guerras, péstes,
Soffri, mais do que tudo, o meu sentido

Agora no jardim sois assentada:
Aonde foi, Senhora, que puzéstes
Annel de sete pedras repartido?

XXI

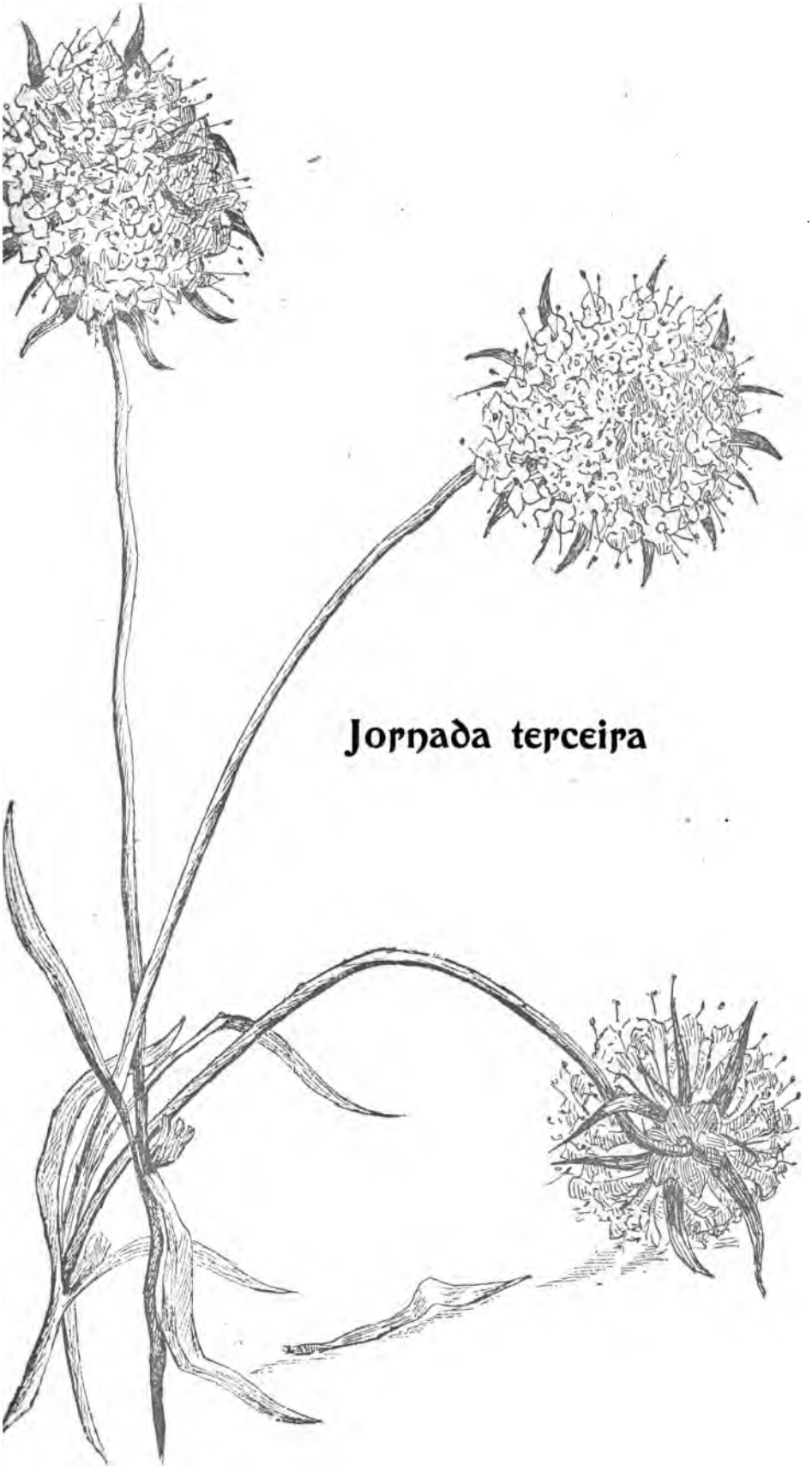
Aqui se acaba uma das jornadas
Do livro de saudades derradeiro;
Qual a que fez rey moço e cavalleiro
Que onde buscou victoria, achou lançadas.

Estas minhas Saudades malfadadas
Dôce achariam duro captiveiro,
Se as fizesseis, por meu amor primeiro,
Com oiro de esperança, resgatadas.

Ora, meus tristes olhos empregando
Nestas saudades que vos escrevia,
Vejo que tudo foi inutil dôr.

Mas sempre a vida assim ha de ir passando:
Até que a gente parta, e morra, um dia,
Nesse Alcacer-Kibír chamado Amor!

1898-1900.



Jornada terceira

Prophecia

I

Sonho seja que não seja,
Seja vã futuração,
Que culpa ha que a alma veja
Aquillo que os olhos não?

Não são n'os olhos da cara
Que melhor usam de vêr;
Ha cegos que sabem lêr
Nos astros com vista clara.

Ou no repoiso dormente,
Ou na leitura das sinas,
Grandes olhos sem meninas
Abrem-se dentro da gente:

Como os olhos das caveiras,
Que são buracos, mais nada!
Mas são olhos sem peneiras
E não têm vista cansada.

Meus olhos mortaes fechei,
Os olhos de dentro abri:
E eu vos conto o que já vi
E o que inda vendo estarei.

II

Vejo, sonhando accordado,
Uma coisa que m'espanta!
Que uma Onda se alevanta
Das bandas do mar salgado.

Onda tamanha, e tamanha
Que os montes são para ella
Como um peito de donzella
Para uma alta montanha!

D'altura de sete montes
Nasce a Onda, e á nascença,
Nascida dos horisontes,
É menina, e é immensa!

Ninguem sabe ao certo a hora
Da Onda, nem ha marcá-la;
Póde sêr que a enrolá-la
O destino esteja agora.

Vejo a Onda negra alçada
Entre uivos e cerração,
Para quebrar na nação
Que é de Portugal chamada!

Vinda do sul ou do norte
Ninguem ha que se lh'esconda,
Pois é certo que essa Onda
Para tudo será morte.

Quando largar e vier,
Bem se lhe dará d'estórvos!...
Roubados ficam os córvos
Que não terão que comer.

Mas ora vejo, com magoa,
Defunctos rôxos boiando;
E vejo córvos, vasando
Olhos mortos e olhos d'agoa.

Se esses olhos não sugássem
De fome os córvos morriam!
Tambem os meus cegariam
Se uns olhos me não matássem.

Tudo alaga, tudo alaga,
Tudo encharca, tudo esfria!
Vejo, ao de cima da vaga,
Meus amores d'algum dia.

Boiam corpos que adorastes,
Mas agora a agoa inchou-os!
Os córvos beijam, aos vôos,
As boccas que não beijastes.

Meninas de lindos olhos,
Vossos corpinhos que são?
São carne para os escolhos
Que lh'os dentes cravarão!

Ao de cima nadam tranças,
Os mortos vão a prendê-las;
São assim as esperanças:
Vâmos ao fundo com ellas!

Tudo alaga, tudo encharca,
A Onda d'esta maneira!
Grão diluvio, mas sem arca
Nem raminho d'oliveira.

III

Vejo, agora, uma Figura
Sobre a Onda alevantada,
Vestindo, com graça ouzada,
Sobre esqueleto armadura.

Cara de tanta tristeza
Que lhe não posso dar nome...
(Stavam os Pórcos á mesa,
Morria a Aguia de fome.)

Vem, pela Noite perdida
Que os astros foram cerrando,
Com seu ôlho manquejando,
Do destêrro da outra-vida.

Um braço de fóra traz
E vae nadando no ar,
Para do vento salvar
Papel que o vento desfaz.

Mas já o frio traspassa
(Que encoberto vae o sol)
E aquella Figura traça,
Galhardamente, um lençol.

E capa de téla nova
Aquella não é, Senhor!
Vem bordadinha a primor
De terra suja de cova.

Do vento sempre batidas
As azas do lençol vão;
Quaes nas tristes despedidas
Os lenços brancos na mão.

E sobre a Terra dormindo
Somno de morte e socêgo,
A Figura vôa, abrindo
Grandes azas de morcêgo!

Toda sumida na treva
Desapparece tambem...
Quem parte, saudades leva,
Quem morre, nenhumas tem.

IV

Sepultada, sepultada
Jaz a Terra d'algum dia...
Não vejo agora o que via:
Vejo só Agoa Salgada!

Quem t'ha de pôr um letreiro
Para o mundo se alembrar?
Portugal, grão marinheiro,
Jaz n'estas agoas do mar.

Fim da terceira e ultima jornada.